

RESUMO

O presente texto aborda a relação educação/comunicação que se fundem em um novo paradigma, uma nova epistemologia, cujos desdobramentos exigem tecnologias que permitem modalidades de ensino variadas e que não prescindem da dialogia.

ABSTRACT

This text shows the relationship between education and technology that becomes only one in a new paradigm, in a new epistemology. The consequences order to the technologies that allow many teaches modalities and that them do not renounce the dialogism.

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS: EDUCOMUNICAÇÃO COMO RECORTE METODOLÓGICO*

*Lucia Helena Vendrusculo Possari***

Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos de transação de conhecimento? Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno. (Lévy)

Algumas mudanças se processaram na história da humanidade, no que diz respeito à transformação das tecnologias. A maior de todas é sem dúvida a criação da escrita. Dela derivam todas as outras formas de registro e veiculação. No início do século vinte, já durando certo tempo, começa a ser revista a forma de impressão de jornais e livros. Em meados do século XIX, substituiu-se a forma de impressão por vapor e por papel barato. Resultou disto a primeira mídia **de massa** onde jornais e revistas puderam ser alcançados por muitos e os livros também. No século XX, logo no início, a introdução de transmissão por ondas eletromagnéticas, o rádio, em 1920 e a TV em 1939, inauguraram os *mass media* – como são conhecidos hoje.

No final do século 20, presencia-se uma outra trans-

* Excerto de texto de Curso de Especialização Ministrado na Facinter-Curitiba-PR, 2002.

** Doutora em Comunicação e Semiótica, professora do Mestrado em Educação UNIC.

formação que envolve uma transição para a produção, armazenagem e distribuição de informação e entretenimento estruturadas em computadores. São os computadores multimídia, compact discs, bancos de dados portáteis, redes nacionais de fibras óticas, fax de última geração. Esse novo padrão mídia diferencia-se das outras qualitativamente enquanto tecnologia de produção de informação: som, vídeo e impressos. Assim, as linhas tradicionais entre veículos de massa desagregam-se completamente quando compartilham de módulo de computador comum ou de rede. Aparelhos de fax passam a ser jornais. Compact discs são livros; satélites são transmissores de televisão.

Não seria diferente com as tecnologias nas escolas. Da época dos lentes, do quadro de giz, do retroprojeto, da vídeo escola, da Tv escola, para os computadores, as redes. A escola é a grande beneficiária da evolução. Todavia a mera utilização de recursos não faz da escola dialógica, construtora de significados nem transforma os sujeitos e protagonistas, como pretende e cabe à EAD.

Ao se propor qualquer texto para a educação vêm à mente questões que levem em conta concepções, principalmente de currículo e de metodologia. Para a primeira, na história da educação, concebeu-se currículo como matérias constantes de um curso; como programas de conteúdo de cada disciplina. Neste texto, concebe-se currículo como expressão de princípios e metas do projeto educativo com flexibilidade para atualizações constantes. Às concepções primeiras de currículo, na história da educação, correspondiam as de metodologia como o como fazer e a valorização das tecnologias, enquanto recursos, para fazê-lo. Neste texto, metodologia é proposta como o modo de organização de conteúdos, sua adequação ao uso (e não dependência) de tecnologias, promoção da relação entre conhecimento, valores e construção de competência profissional.

Se se sabe que se necessita de competências básicas, necessita-se também de caminhos, distâncias e percursos

diferenciados e, para tal, as diferenças devem ser levadas em conta.

Isto diz respeito que, no pólo da recepção, compartilhasse de experiências semelhantes, todavia, cada leitor/aluno poderá identificar-se melhor com uma e não muito bem com outra direção. São, portanto, sujeitos ativos que articulam experiências, investigam, refletem, selecionam, planejam, organizam e avaliam.

Nessa perspectiva, mais que metodologia ou tecnologia envolvidas, o princípio que norteia a educação a distância é a dialogia.

Ou seja, a relação de ensino-aprendizagem na educação a distância se dá pelo modo dialógico de interagir.

Como já foi dito, assim instaura-se o paradigma da interdiscursividade, ancorando-se em Pêcheux, Ducrot e Bakhtin. Toda produção de efeitos de sentidos que se busca tanto no pólo da produção, quanto no da recepção – diríamos antigamente, em outro paradigma – professores e alunos é um enunciado vivo que se efetiva num determinado momento histórico, em um meio determinado em um contexto de situação determinado. Num outro paradigma: o que ser ensinar; neste paradigma, sentidos, constroem-se num **já dito, formulado por inúmeros fios dialógicos**. Não se terá mais a leitura passiva, unívoca, pois os significados são reconstituíveis; descentraliza-se a palavra autorizada e transformam-se as relações.

Em educação a distância significa dizer que a construção de conhecimento se dará em tempos e espaços diferenciados e que ao tempo da construção, do erro, da desconstrução, da inovação, da renovação. BARBERO (1997) chama a isso de destempo.

Uma vez instaurada a dialogia, sedimenta-se a educação como fundamentação metodológica para a EAD, tendo como enunciação novas imagens, novos conceitos, novas práticas, portanto, novas linguagens, novo intervalo semântico e a polifonia.

É hora de desfazerem-se conceitos anteriores, onde, ora a comunicação era um instrumento, um recurso para o professor atuar melhor na sala de aula, ora era um objeto, um novo poder que necessitava ser conhecido para que seus mecanismos fossem dominados. Portanto, circunscrevia-se:

- à área da educação para a comunicação, onde se enfatizava a formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios, educação para os mídias;
- à área de tecnologia da educação, onde se enfatizava as reflexões em torno do uso das tecnologias para a educação, educação para os meios (instrumentos).

Para atender à EAD a educomunicação não deve ser tomada como uma disciplina (mais uma) fechada em seus limites e possibilidades, mas, e, principalmente, como um novo paradigma de produção de sentidos.

Por ser processo e por ser ainda considerado nova, a educomunicação pode gerar rejeição ou demora para adaptação. O uso das tecnologias, as propostas sêmio-discursivas, mais que metodologias, podem contribuir para a garantia da cientificidade do processo ensino-aprendizagem, da flexibilização curricular, da descentralização da gestão educacional. Inaugurando um protagonismo dos sujeitos da ação pedagógica produtores de textos (professores), alunos (leitores).

Isto diz respeito a qualquer tecnologia pela qual se opta para a produção de sentidos: o impresso, o meio magnético, o hipertexto, o computador, a internet, o audiovisual, o áudio, o visual, a videoconferência, a teleconferência, etc., chamados de tecnologias da inteligência.

Constituem-se em estoque de temas disponibilizados à educação e obrigam, os últimos, a se alterarem os modos de serem operacionalizados, decifrados, o que implica a quebra da centralidade discursiva da escola e do livro.

Como paradigma a educomunicação possibilita à escola um objetivo cultural que possibilita tornar mais próximas as

histórias de leituras (cultura)¹ dos que produzem os textos escolares (professores), da história de leituras daqueles que lêem e os ressignificam, os leitores.

O processo de re-construção de saberes é trabalho que se realiza na interdiscursividade, para alçar à situação de conceito/fazer, uma obscuridade, um problema imediato, que pede clarificação e, portanto, transforma o lugar-comum em conhecimento elaborado, num movimento que faz os sujeitos (autor/leitor) reconhecerem-se no processo de transformação, transformando-se.

A evolução dos sistemas de formação não pode estar dissociada da evolução do sistema de reconhecimento dos saberes que a acompanham e a conduzem. Usar as novas tecnologias na educação sem alterar os mecanismos de validação de aprendizagem seria o equivalente, de acordo com LÉVY (1999), a inchar os músculos da instituição educação, bloqueando o desenvolvimento de seus sentidos.

Uma desregulamentação controlada do sistema atual de reconhecimento de saberes é que se constitui como validação para a formação que atribui papel importante à experiência profissional. Ao autorizar o uso dos modos de EAD com recursos tecnológicos de todas as naturezas, a desregulamentação encoraja as ações pedagógicas de ação coletiva. E as iniciativas que mediam a experimentação social e a formação explícita.

LÉVY (1999) aborda que compartilha-se atualmente de uma sensação de impacto de estranheza e de exterioridade, quando, na educação se tenta apreender o movimento contemporâneo das técnicas. Muitas profissões foram tocadas bruscamente por uma revolução tecnológica que torna obsoletos conhecimentos e práticas tradicionais, como tipógrafo, piloto de avião, bancário. Por que não in-

1 Usa-se aqui a concepção semiótica de cultura que é o compartilhamento dos símbolos. O homem enreda-se nas teias de significados que ele próprio teceu. Pode também ser considerada como um conjunto de vivências.

clui neste rol o professor? Ele chama isto de estado de desapossamento. O desapossamento é um dever coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação.

As áreas de conhecimento e de produção viviam a separação estanque entre as atividades, as compartimentalizações e a opacidade da organização. Na escola, não era diferente. A atenção, agora, em EAD, tem que ser redobrada para o estabelecimento de sinergias entre competências, recursos e projetos, a construção e manutenção dinâmicas de memórias em comum, a ativação de modos de cooperação flexíveis e transversais e a distribuição coordenada dos centros de decisão.

Faz-se necessário integrar, através da cibercultura, a inteligência coletiva. Significa a melhor forma de apropriação por sujeitos e seus grupos das atualizações técnicas, minimizando os efeitos da exclusão ou da destruição humana resultantes da aceleração do momento tecno-social. O ciberespaço é o dispositivo de comunicação interativo e comunitário como instrumento da inteligência coletiva. Em educação a distância, possibilita desenvolver sistemas de aprendizagem cooperativa em rede. Permite mais ainda: trocar idéias, imagens, experiências ou observações em conferências eletrônicas.

Em EAD utiliza-se a infografia (PARENTE, 1996) – imagens criadas com a colaboração da informática. Ela se distingue entre ativo e passivo e entre não interativo e interativo. Ela requer um sistema bidirecional entre usuário e máquina, pois o *feedback* se faz necessário instantaneamente e simultaneamente, ou seja, configura a participação efetiva. Para o computador interativo a resposta deve ser imediata. Para o não-interativo, a resposta pode ser produzida algum tempo depois de sua introdução no sistema.

Utilizando-se a rede bidirecional telefônica, os usuários colocam-se na infografia interativa. O operador interage

com a máquina dando e recebendo informações pela linguagem verbal oral, oral escrita, de forma gráfica, ou ainda, visual, pelo monitor. Há uma linguagem especializada que media homem-máquina.

De acordo com PARENTE (1996), a interatividade que permite operar-se em tempo real – instantaneamente – é rápida, versátil e fluida. É a imagem-diálogo, que pode ser modificada, armazenada. A informática, nesse caso se torna uma técnica lúdica que incorpora o sensível através dos sentidos humanos.

Se se modificou o formato do texto e das formas de interação – de acordo com ROCA (1996), **do rolo para o códice, se mudou o cinema do mudo para o falado** – às redes eletrônicas que veiculam textos plurais: sonoros, visuais, icônicos, figurativos e verbais propiciam um aumento da participação das pessoas nas redes, na Internet, por exemplo; pela Internet fala-se de coisa séria, joga-se conversa fora, obtêm-se informações preciosas, através de várias linguagens. Sujeitos diferentes em todos os sentidos e, portanto com expectativas e níveis culturais diversos interagem por meio de textos multifacetados.

A utilização de diferentes meios permite que no processo de construção do conhecimento sejam levados em consideração aspectos cognitivos diferenciados. A multimídia, de acordo com SANCHO (1999), estimula a exploração, a auto-expressão e um sentido de propriedade, quando permite que os estudantes manipulem seus componentes. Segundo ela, a multimídia permite a cooperação, e a colaboração. E, ainda, torna a aprendizagem mais estimulante e divertida.

Assim, possibilitar que todos os recursos didáticos: livros-textos, vídeos, computadores, reúnam-se numa única via de trabalho de cunho interativo, inseridos nas redes de alcance mais amplo possibilitará que façam chegar informação escrita, áudio e vídeo que poderão ser compartilhados por muitos.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

DUCROT, O. **Princípios de semântica linguística**. São Paulo: Cultrix, 1982.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

LITWIN, E. **Tecnologia educacional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PARENTE, A. (Org.) **Imagem-máquina**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: UNICAMP, 1988.

POSSARI, L. H. V. **Comunicação e informação em EAD**. Curitiba: NEAD/UFPR, 1999.

_____. A produção de material impresso para EAD. In: **Laboratório de produção para Educação a Distância**. Curitiba: UNIREDE, 2001.

_____. **Educomunicação e EAD**. Curitiba: FACINTER, 2002.

ROCA, O. A auto-formação e a formação a distância. In: PARENTE, A.

Imagem/máquina. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

SANCHO, M. J. **Para uma tecnologia educacional.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOARES. I. O. Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e perfil de seus profissionais. **CONTATO** ano 1, v. 2, jan./mar. 1999.